Ir. Helena Corazza
Pe. Edelcio Ottaviani
Pe. Leomar Nascimento de Jesus

Homilia

Espaço para comunicar esperança

Paulinas

Apresentação

A homilia, como parte da tríade – primeiro anúncio, catequese e homilia – constituinte da comunicação do Evangelho, tem sido motivo de preocupação e críticas, fundadas ou não, por parte de muitas pessoas que frequentam a igreja.

Por vezes, perguntamo-nos o que, realmente, o povo de Deus "leva para casa" como mensagem, depois de uma celebração eucarística. Emerge, então, a seguinte pergunta: o que aconteceu com a homilia? Todos comentam. Muitos se lamentam. Alguns não entendem nada. Outros desistem até de ir à celebração. Pode parecer exagero... Mas, infelizmente, é a realidade em que vivemos, com raras exceções.

A intenção deste livro não reside, entretanto, em examinar as causas de as homilias estarem, hoje, com sérias deficiências. O livro se propõe, de forma positiva, a enfatizar que a homilia é um chamado para comunicar a esperança. Quem se percebe missionário a serviço do Evangelho é convidado a assimilar, de maneira simples mas profunda e essencial, os fundamentos teológicos e eclesiológicos de uma homilia, espelhando-se, sobretudo, em Jesus.

O homiliasta precisa considerar a comunicação como elemento essencial das relações. Nesse sentido, cumpre enfatizar a profunda relação com a Palavra de Deus (a espiritualidade)

que ele precisa nutrir para não se tornar um "transmissor instrumental" do Evangelho.

Dessa forma, a comunicação do missionário do Evangelho deve levar em conta uma comunicação revestida de linguagem e de contexto atual. A homilia deve buscar anunciar o Evangelho às pessoas de hoje nas mais variadas linguagens.

É nesse sentido que auguramos uma reflexão, revisão e progresso nas homilias, com a contribuição do presente livro.

Joana T. Puntel, fsp

Introdução

Ao ministrar o curso "A hermenêutica do sujeito"[1] no Collège de France, de janeiro a março de 1982, Michel Foucault introduziu uma noção nem sempre lembrada nos meios acadêmicos e de certa forma esquecida nas práticas cotidianas: o cuidado de si. Foucault fez um verdadeiro inventário das formas diferenciadas desse cuidado ao longo de quase oitocentos anos, desde o século de Péricles (século VI a.C.) até os dois primeiros séculos de nossa era. Da Grécia à Roma antigas, Foucault nos deu a conhecer formas diferenciadas de constituição do sujeito ético, em meio às quais a palavra veraz (*parresía*) emerge como instrumento de grande valor. O *ethos*, caráter, não se constitui na solidão. O curso de Foucault é um verdadeiro tratado de relação entre mestre e discípulo, voltado para a *eupraxia*: a forma mais bela de existir junto com os outros. Nesse tratado, estão incluídas questões de conhecimento, política, governo e justiça, mas também de autoconhecimento, amizade e espiritualidade. Dois elementos ao menos saltam aos olhos desde as primeiras aulas: ninguém pode dar-se uma forma bela de existência, sem

---

[1] FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito* (1981-1982). Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

o auxílio do outro, e ninguém pode governar os outros, se não consegue governar a si mesmo.

Mas o que tem tudo isso a ver com um livro sobre homilia? Aparentemente, quase nada, se não nos atermos a uma das primeiras lições do curso de Foucault, cujos ensinamentos de Sócrates ele magistralmente apreendeu e nos passou. No diálogo *Alcebíades*, de Platão, vemos Sócrates ser interpelado pelo jovem de origem aristocrática, Alcebíades. Este desejava adquirir técnicas de governo dos outros, uma vez que, ao ter atingido a idade adulta, todos esperavam dele uma participação efetiva no governo da *pólis* (cidade). Um diálogo profundo se instaura entre eles, ao fim do qual Sócrates leva o jovem a concluir que, antes de adquirir técnicas para conduzir os outros, ele precisava adquirir técnicas de condução de si, ou melhor, práticas de cuidado de si, pois quem não sabe cuidar de si não pode cuidar dos outros. Conhecer-se em suas debilidades e limites e adquirir uma equipagem capaz de vencê-los e de vencer as dificuldades que se lhe apresentarão ao longo da vida, eis o princípio do cuidado de si.

Do mesmo modo deve ser tratado este livro: não se trata de um receituário para bem pregar e de técnicas para conduzir os outros por meio da Palavra. Antes, é um instrumento que auxiliará aquele que se sente envolvido pelo ministério da Palavra a cuidar mais de si e a perceber-se como missionário a serviço do Evangelho, por meio de uma comunicação que envolve todo o seu ser. Trata-se, portanto, de um instrumento que, além de levar o leitor ao conhecimento dos fundamentos e das implicações de uma boa homilia, o auxilia a bem estruturá-la, pois, como dizia Santo Agostinho, "visto que a arte da palavra possui duplo efeito (o forte poder de persuadir seja para o mal, seja para o bem), por

qual razão as pessoas honestas não poriam seu zelo a adquiri-la em vista de se engajar ao serviço da verdade?”.[2]

Composto a seis mãos, este livro agrega conhecimentos de diferentes áreas. Seus autores se propuseram a colocar no papel o fruto de suas pesquisas e anotações voltadas para cursos de homilética, solicitados tanto pelas dioceses vizinhas à Arquidiocese de São Paulo quanto pelo Serviço à Pastoral da Comunicação (SEPAC), das Irmãs Paulinas.

O primeiro capítulo, de autoria do Pe. Edelcio Ottaviani, apresenta os fundamentos e instrumentos para a realização de boas homilias. Dividido em 4 tópicos principais, parte da natureza da homilia e de seu significado etimológico, para depois passar pelas tradições bíblica e eclesiástica, de aprofundamento do anúncio da Palavra, e por seus desdobramentos ao longo da história. Atém-se à homilia de Jesus como paradigma, ou seja, como referência para todo e qualquer tipo de homilia nas mais diferentes situações, até discorrer sobre o modo de fazer homilia em nossos tempos, sem que sejam dispensadas as lições dos antigos mestres da retórica.

No segundo capítulo, Pe. Leomar Nascimento agrega aos fundamentos do anúncio do Evangelho o mundo da comunicação, considerada por João Paulo II, na Encíclica *Redemptoris Missio*, o “primeiro areópago do tempo moderno”. Alerta para o fato de que é preciso superar uma abordagem funcionalista da comunicação, entendida apenas como “meios”, e passar à noção de comunicação como um processo, como um fenômeno que vai além dos meios e dos aparatos de informação e mostra

---

2 SANTO AGOSTINHO. *De Doctrina Christiana*. Trad. Ir. Nair de Assis Oliveira (CSA). São Paulo: Paulus, 2002, p. 209.

o ser humano como um ser de relação e de comunhão. Mostra também o papel do autoconhecimento no desenvolvimento de uma boa homilia. "Sem um autoconhecimento que o conduza, por exemplo, a uma sadia autoestima, a um saber lidar com seus próprios limites e capacidades, a um gerir satisfatoriamente suas emoções, o ser humano tende a criar guerras por onde passa, projetando suas raivas, imaturidades e mazelas sobre o mundo que o circunda", diz ele. A comunicação consigo mesmo gera um satisfatório autoconhecimento e capacita melhor o homem para suas relações com o mundo que o cerca. Esse é um pressuposto que encontramos na pessoa de Jesus, o perfeito comunicador e modelo para homiliastas.

No terceiro e último capítulo, Ir. Helena Corazza trata da "Homilia na linguagem da comunicação" de forma mais prática. Mostra que, ao preparar uma homilia, anúncio da Palavra de Deus, o importante é lembrar que esta Palavra passa pela linguagem humana, pela cultura, pela pessoa que comunica, pelo contexto que nos cerca. Dessa forma, importa ter em conta o ambiente, o contexto eclesial, a realidade e a vivência dos fiéis, seu entorno cultural e as diferentes influências de pensamento a que estão expostos, incluindo a mídia. Por que é importante conhecer um pouco sobre o relacionamento das pessoas com a mídia? "Porque ela dissemina ideias, modos de vida, comportamentos e faz parte do cotidiano no qual o ser humano agrega valores a partir do que vê, lê, ouve, manipula, acompanha", responde ela. Baseada nos ensinamentos do Pe. Pierre Babin, afirma que, na cultura da mídia, a mensagem não consiste somente na doutrina, nas ideias ou nas palavras. O que se oferece à audiência é o corpo, a imagem, a voz, os gestos. Esta afirmação não minimiza a doutrina, mas quer chamar a atenção sobre

como esta doutrina, com os princípios da fé que a constituem, é anunciada hoje. É preciso saber que linguagem está sendo usada, no momento em que o pregador se coloca diante da assembleia.

Helena comenta o exemplo básico de estrutura de uma homilia e os modos de transmiti-la pelas mais variadas mídias: rádio, televisão, internet, web, além de dar especial atenção à linguagem nas missas e celebrações com crianças e pessoas com necessidades especiais.

Com este livro, acreditamos poder responder aos apelos do Papa Francisco na tarefa de aprimoramento de nossas homilias (cf. *Evangelii Gaudium*, capítulo III), a fim de que o Evangelho seja anunciado "oportuna e inoportunamente" (cf. 2Tm 4,1-2), mas sempre com o brilho e o cuidado que merece o anúncio da Palavra de Deus.

1. Fundamentos e instrumentos para a realização de boas homilias

Pe. Edelcio Ottaviani

Fundamentos teológicos da homilia

Era sábado, por volta das 18h30. Ela estacionara na frente da igreja com seus dois netos. Os pais das crianças tinham chegado um pouco antes em outro veículo. A garoa que caía a fez requerer o serviço de *valet.* Desceu rápido para não desmanchar o cabelo. Abriu a porta traseira e pegou as duas crianças pelas mãos, indicando-lhes a marquise que protegia a porta principal. Aquela correria até que agradou os meninos. Na verdade, quando cinco meses atrás lhes disseram que iriam a um casamento na Igreja Católica, eles não mostraram qualquer reação. Nenhuma das duas famílias tinha levado os dois primos a uma cerimônia religiosa em seus quase oito anos de vida. É verdade que já tinham passado diante de igrejas, mas elas nada lhes diziam. Nem mesmo as torres, que vez por outra as diferenciavam dos outros edifícios, tinham chamado a sua atenção. Ao se colocarem debaixo da marquise, depararam-se com uma mulher de branco que segurava um maço de flores à mão. Ela

saíra da igreja e parecia feliz. Aqueles que a rodeavam estavam alegres também, sobretudo depois de terem jogado um punhado de arroz cru sobre a cabeça da mulher e do homem vestido de pinguim que segurava sua mão. Tudo era novo e engraçado.

Entraram naquele edifício bonito, com pinturas no teto e cheio de estátuas penduradas nas paredes. A avó os conduziu ao banco que ficava bem atrás daquele em que estavam sentados os pais. Sorriram uns para os outros. O mais novo ficou meio injuriado quando o tio lhe passou a mão sobre a cabeça, desmanchando o cabelo propositalmente despenteado, como pedia a moda atual. Sentaram-se. Os olhos dos garotos percorriam as paredes laterais e subiam em direção ao teto. As cabeças dos dois pareciam ter sido treinadas para o mesmo movimento. A avó, que notara o giro delas, se fez atenta à voz dos meninos. De repente, o olhar do mais novo se fixou numa figura estranha que se situava bem a sua frente. Era a estátua de um homem, com braços abertos e pernas levemente sobrepostas, tendo as mãos e os pés pregados numa cruz, a mesma que os filmes de terror ensinavam fazer para afastar um vampiro, quando este viesse a atacá-lo. Ao redor da cabeça, havia uma espécie de coroa, não de ouro, mas de espinhos. Dava até arrepio ver o sangue escorrendo dos pés e das mãos. O menino cutucou o primo e apontou com o nariz para aquele homem sangrado e de ferida aberta no peito. Em voz baixa, quase sussurrando, lhe perguntou: "Quem é?". Os ouvidos da avó estremeceram e suas faces enrubesceram ao ouvir o outro neto dizer: "Sei não! Mas boa coisa ele não deve ter feito!".

Essa cena, tudo indica, tenderá a se repetir não uma, mas muitas vezes. Aumenta o número de famílias sem tradição religiosa, nas quais o nome de Jesus será pronunciado como o de César, Cristóvão Colombo ou de uma personagem histórica qualquer.

Aproxima-se o tempo em que o anúncio da Boa-Nova (*euaggélion*), o querigma (de *kerysso* – eu anuncio, eu proclamo) será algo inteiramente novo e, paradoxalmente, já sabido. Muitos já terão ouvido falar de Jesus, mas poucos serão aqueles que o conhecerão verdadeiramente, assim como sua mensagem de paz (cf. Jo 20,19).

Não obstante: primeiro anúncio, catequese e homilia formam a tríade constituinte do anúncio do Evangelho no mundo atual, assim como o foi na fundação e constituição das primeiras comunidades cristãs. O modo de evangelização, as técnicas de comunicação e a linguagem podem diferir num e noutro tempo, mas a tríade tende a permanecer.

O *primeiro anúncio* – apresentação da pessoa de Jesus Cristo e de seus ensinamentos como realização plena do plano salvífico de Deus para todos os povos – é aprofundado e sistematizado pela catequese. Por meio desta, progressivamente, vão sendo apresentados aos iniciantes os conhecimentos das verdades que eles abraçaram pelo ato de fé. Ao professar sua confiança na pessoa de Jesus, o catecúmeno afirma, perante todos, que acredita nos ensinamentos do mestre de Nazaré e que deseja fazer o experimento deles em sua própria vida.

A catequese, do grego *kat-echéo*, que quer dizer "fazer eco", "ressoar", tem por objetivo instruir, pouco a pouco, o iniciante nos conteúdos da mensagem evangélica. Eis o sentido da instrução catequética: fazer ecoar, "na e por sua própria vida", os ensinamentos de Jesus, a fim de que o mundo seja transformado por eles.

A homilia, por sua vez, é o *medium* (meio) pelo qual a mensagem evangélica é interiorizada, por parte de evangelizados e catequizados. Por meio dela, a Igreja espera que o querigma passe, gradativamente, a influenciar mentes e práticas de vida, e estas a transformarem o mundo que as cerca.

Natureza da homilia

De origem também grega, a palavra *homilia* significa reunião ou conversa familiar. Ela deriva do verbo *homilein* (reunir-se, conversar familiarmente). No Novo Testamento, ela aparece pela primeira vez nos Atos dos Apóstolos, quando Lucas discorre sobre sua chegada a Trôade, para se encontrar com Paulo. Nessa região, o evangelista testemunha a ressurreição de um adolescente chamado Êutico, operada pelo apóstolo, e a conversa que se estende até o amanhecer (*homilétas achri augés*), após Paulo ter presidido a partilha do pão (cf. At 20,11). Esta narrativa mostra que a *homilia* tem seu ambiente próprio no interior da celebração litúrgica e pode operar maravilhas. Em *Confissões*, Agostinho de Hipona (350-430) relata como se aproximou de Ambrósio (340-397), bispo de Milão, famoso por sua eloquência. Atraído por sua retórica, Agostinho passou a frequentar suas homilias, no intuito de analisar seus discursos e averiguar se eles condiziam com a fama que auferiam junto ao povo. Assim diz Agostinho:

> Não me esforçava por aprender o que o bispo dizia, mas só reparava no modo como ele falava. Este gosto frívolo da eloquência permanecera em mim, perdidas já todas as esperanças de que se patenteasse ao homem o caminho para vós. Contudo, junto com as palavras que me deleitavam, iam-se também infiltrando no meu espírito os ensinamentos que desprezava. (...) Por isso, resolvi fazer-me catecúmeno na Igreja católica, à qual meus pais me tinham inclinado, até vir alguma certeza a elucidar-me no caminho a seguir.[1]

---

[1] SANTO AGOSTINHO. *Confissões*, Livro V, 14. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 113.

Segundo Moisés Perez Díaz, embora as homilias possam levar à conversão, esse não é, em tese, o traço característico que as distingue de outros tipos de pregação. Os que escutam a homilia são, em princípio, pessoas que já foram evangelizadas e que estão celebrando a Eucaristia ou outros sacramentos.[2] Diferentemente do primeiro anúncio e da catequese, que podem ser dirigidos a uma única pessoa, a homilia é dirigida a uma comunidade. Não se faz homilia para alguém em especial, mas para um grupo de crentes. Ela tem como base as leituras bíblicas proclamadas na celebração e "como meta o convite persuasivo para que, aquilo que é escutado, possa ser traduzido numa prática de vida".[3] Perez Díaz nos lembra, porém, de que a distinção entre homilia e primeiro anúncio ou entre homilia e catequese é bem mais teórica do que prática.

Ainda que ela seja, em princípio, dirigida a pessoas que já foram batizadas, com o intuito de fazê-las crescer na fé que já possuem, não poucas vezes cumpre o papel de anúncio ou da catequese no aprofundamento de algum elemento doutrinal. Com efeito, nem sempre os crentes estão instruídos suficientemente ou são medianamente maduros em sua fé. Na prática, nem sempre se constata o caminho lógico estabelecido pela teoria: antes de tudo, o primeiro anúncio que suscita a fé; em seguida, a catequese que a alimenta e ilumina; por fim, a homilia que a atualiza à luz da Palavra e a relaciona com a vida.[4] A homilia, sem perder sua identidade própria, deverá, às vezes, anunciar a Jesus Cristo, por

---

2 Cf. PEREZ DÍAZ, Moisés Daniel. *La Homilía*: Que es? Cómo se prepara? Cómo se expone? Bogotá: CELAM, 2016, p. 65.

3 Ibidem.

4 Cf. ibidem, p. 66.

exemplo, no caso de uma cerimônia de casamento ou de exéquias. Nessas celebrações, não é raro encontrar pessoas sem religião, de outras denominações religiosas ou mesmo que se afastaram da Igreja Católica, como foi o caso da vovó com seus netinhos, convidados para uma festa de casamento.

Em ocasiões como essa, a homilia deve também apresentar um sentido para aqueles que a ouvem, fazendo ecoar a mensagem do Cristo e, consequentemente, o apelo à conversão e à inserção no caminho da salvação. Nesses casos, a homilia adquire um aspecto missionário ou querigmático. Em outros momentos, adquire um traço catequético. Basta lembrar que a homilia dominical, ao longo de todo o ano litúrgico, constitui a melhor catequese do mistério de Cristo e a melhor formação que pode receber o conjunto de toda a comunidade de modo permanente. Segundo Perez Díaz: "tudo isso adquire maior urgência se considerarmos que para muitos cristãos a única forma de acesso à formação e ao aprofundamento em sua fé é a celebração dominical e, dentro dela, a escuta da Palavra e a homilia".[5] Sobre o caráter fraterno e coloquial da pregação, a *Evangelii Gaudium* nos alerta:

> A Igreja é mãe e prega ao povo como uma mãe fala ao seu filho, sabendo que o filho tem confiança de que tudo o que se lhe ensina é para seu bem, porque se sente amado. Além disso, a boa mãe sabe reconhecer tudo o que Deus semeou no seu filho, escuta suas preocupações e aprende com ele. O espírito de amor que reina numa família guia tanto a mãe como o filho nos seus diálogos, nos quais se ensina e se aprende, se corrige e se valoriza o que é bom; assim deve acontecer também na homilia (EG, 139).

---

[5] Ibidem, p. 68.